

A metempsicose no discurso de Dolmancé: a influência do pensamento materialista nos personagens de Sade

La Métempsycose dans le discours de Dolmancé: L'influence de la pensée matérialiste dans les personnages de Sade

Nilton Marlon Antônio ¹

Resumo: Na leitura do romance *A Filosofia na Alcova*, encontramos diversos discursos filosóficos na fala dos libertinos, principalmente na voz de Dolmancé e de Saint-Ange. Esses dois libertinos são os personagens principais do romance. Tanto Dolmancé quanto Saint-Ange fazem uso desses discursos filosóficos para justificar suas atitudes libertinas e ensiná-las para a jovem Eugénie. Esse trabalho tem seu foco nos discursos de Dolmancé, mais precisamente os seus discursos que se referem a metempsicose materialista. Buscamos observar como se constrói o discurso do personagem, os possíveis embasamentos filosóficos por meio das influências filosóficas de Sade e, além disso, buscar entender os efeitos disso no pensamento do personagem. Buscamos entender o pensamento de Dolmancé através das influências filosóficas de Sade. Observaremos as bases filosóficas que constituem esses discursos que, no caso dessa obra, giram em torno do pensamento materialista do século XVIII. Dentre essas influências, focaremos principalmente em Holbach, mostraremos como a fala de Dolmancé está carregada de ideias que estão presentes no *Sistema da Natureza*.

Palavras chaves: Sade; Holbach; Metempsicose; Materialismo; Filosofia Moderna.

Résumé: Pendant la lecture du roman *La philosophie dans le boudoir*, nous avons rencontré divers discours philosophiques dans les paroles des libertins, principalement dans la voix de Dolmancé et de Saint-Ange. Ces même deux libertins sont les personnages principales du roman. L'un comme l'autre utilisent tel discours pour justifier ces actions libertines et les enseigner à la jeune Eugénie. Cet article a l'intention de souligner les discours de Dolmancé qui parlent sur la métempsycose et le matérialisme. Nous cherchons observer comme se construit les discours du personnage, ces possibles fondamentalement philosophiques parmi les influences philosophiques de Sade et, en plus, entendre les effets de tels influences dans l'esprit du personnage. Nous cherchons comprendre la pensée de Dolmancé moyennant les influences de Sade en observant les bases qui construisent tels discours que, dans ce cas, tournent autour de la pensée matérialiste du XVIIIe siècle. Parmi ces influences, nous faisons plus attention au qui concerne les idées d'Holbach. En réalisant ce parcours, nous démontrons comme la parole de Dolmancé est chargée par les idées qui sont présentes dans le *Système de la nature* d'Holbach.

Mots-clefs: Sade; Holbach; Métempsycose; Matérialisme; Philosophie Moderne.

¹ Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: niltonmarlon_at@hotmail.com.

A metempsicose no discurso de Dolmancé

A partir do momento que começamos a ler as obras de Sade, somos jogados em um universo cheio de discursos filosóficos. Os personagens, geralmente os libertinos mais trabalhados, estão carregados de ideias que refletem em suas atitudes e em seus princípios morais. Essas ideias são embasadas no pensamento filosófico que cercava Sade em seu tempo. O que acontece em *A Filosofia na Alcova* não é diferente, os personagens que constituem esse romance não cessam seus discursos filosóficos e, como de costume, suas atitudes estão inteiramente ligadas a eles. É sobre esses discursos que nos debruçaremos, sobretudo a ideia de metempsicose que Dolmancé utiliza para apresentar seus princípios libertinos para seus colegas de libertinagem. Observaremos a construção das ideias morais de Dolmancé através das ideias da filosofia materialista do século XVIII. Focaremos precisamente no princípio da metempsicose materialista. Esse princípio fundamenta alguns discursos do libertino e, possibilitando uma relativização das noções de vida e de morte, a metempsicose permite relativizar também os valores morais da época. Observando as ideias Voltaire, Diderot e, principalmente, de Holbach, entenderemos o funcionamento do princípio da metempsicose para, então, entendermos como Sade trabalha com esse princípio em seus personagens e como isso pode inverter as noções de certo e errado dentro dos discursos libertinos.

A Filosofia na Alcova tem dois personagens principais, Dolmancé e Saint-Ange. Esses dois libertinos estão empenhados na tarefa de educar uma terceira personagem, Eugénie. Saint-Ange tem vinte e seis anos, é casada e faz parte da alta nobreza. Seu marido não vê problemas nas libertinagens dela contanto que ela lhe satisfaça certas manias de libertinagem. Dolmancé tem trinta e seis anos, faz parte da alta nobreza também, mas, ao contrário de Saint-Ange, é solteiro. Segundo o Cavaleiro de Mirvel, irmão de Saint-Ange, Dolmancé tem “muita filosofia no espírito [...] é o mais célebre ateu, o mais imoral dos homens... e da mais extrema e completa corrupção, o indivíduo mais celerado e cruel que possa haver no mundo” (SADE, 2013, p. 11). Para Saint-Ange, Dolmancé “tem precisamente o grau de filosofia necessária” (SADE, 2013, p. 15) para a instrução da jovem de quinze anos, Eugénie. É nesse contexto que os discursos se desenrolam.

É importante entender que as ideias apresentadas ao longo de *A Filosofia na Alcova* não apresentam uma grande novidade filosófica, nem entre os filósofos da época e nem entre os escritos de Sade. Várias ideias, inclusive a de metempsicose, são anunciadas por vários personagens ao longo da obra de Sade. As próprias falas de Dolmancé parecem se sintetizarem no panfleto lido pelo Cavaleiro de Mirvel. O panfleto *Franceses, Mais Um Esforço Se Quereis Ser Republicanos* está no quinto diálogo dos sete diálogos que constituem o livro *A Filosofia na Alcova*. Em uma determinada parte do quinto diálogo, quando Eugénie expõe suas dúvidas sobre quais os costumes são necessários para um governo, Dolmancé acha conveniente a leitura desse panfleto e, por ter a voz mais bela entre todos ali, o Cavaleiro de Mirvel lê o panfleto para todos

que estavam presentes na alcova. Após a leitura, Eugénie afirma a Dolmancé que esse panfleto é “um escrito pleno de sabedoria, e, sob tantos aspectos, tão de acordo com os vossos princípios, que eu seria tentada a acreditar que sois o autor” (SADE, 2013, p. 69). Fora da obra *A Filosofia na Alcova*, encontramos um discurso sobre a metempsicose na fala de Bressac no livro *Os Infortúnios da Virtude*. O intuito desse discurso é justificar o matricídio à Justine, a heroína virtuosa desse livro. Há, também, a dissertação filosófica do Papa Pio VI, na *História de Juliette*, onde encontramos uma longa fala sobre a metempsicose acompanhada, implicitamente, de ideias do filósofo Holbach.

Como podemos observar, a ideia de metempsicose é um tema constante nas falas dos libertinos de Sade. “Faça então um livro sobre a metempsicose’ diz a esposa de Sade quando este lhe assinala seu interesse por esse dogma ‘insensato’, ainda que ‘muito verossímil” (CASTRO, 2016, p. 99). Não há dúvidas quanto ao interesse de Sade sobre esse assunto, mas do que se trata a metempsicose? Para Voltaire “a ideia da metempsicose é talvez o mais antigo dogma do universo conhecido” (2001, p. 371). Esse dogma consiste em observar que, na natureza, “um ponto quase imperceptível torna-se um verme, esse verme se transforma em borboleta; uma bolota se transforma num tronco, um ovo num pássaro; a água torna-se nuvem e trovão; a madeira troca-se em fogo e cinza; tudo enfim, na natureza, parece metamorfose” (VOLTAIRE, 2001, p. 371). Diderot apresenta o princípio da metempsicose materialista na voz do sonhador d’Alembert, “todos os seres circulam uns nos outros, por conseguinte todas as espécies... tudo está em um fluxo perpétuo [...] Vivo, ajo e reajo em massa... Morto, ajo e reajo em moléculas [...] Nascer, viver e passar é mudar de formas” (1961, p. 77-78). Essa mesma ideia está presente em suas cartas. Para Diderot, a única diferença “entre a morte e a vida, é que no presente, você vive em massa, e que dissolvido, disperso em moléculas, daqui a vinte anos, você viverá em detalhe” (1759).

Do ponto de vista materialista, a metempsicose é “uma simples metamorfose ou transferência de matéria de um organismo para um outro” (DELON, 1991, p. 74). Há uma quantidade restrita de matéria na natureza, tudo que “morre” tem sua matéria reempregada em outro ser, é uma mudança de forma. As partículas de matéria circulam entre os seres. A metempsicose consiste na ideia de que “nada desaparece definitivamente em uma natureza que reemprega as matérias orgânicas que ficam disponíveis pelo fim do organismo” (DELON, 1991, p. 75). Assim, com uma quantidade restrita de matéria, só se pode ter um ser novo a partir do fim de outro ser já existente. A Natureza reemprega a matéria de forma cíclica criando novos seres a partir da matéria deixada pelo ser que “morreu”. Não é à toa que esse tema é tão frequente nos discursos dos libertinos de Sade, pois a metempsicose permite “relativizar as noções de vida e de morte” (DELON, 1991, p. 75).

Um dos primeiros discursos mais significantes de Dolmancé consiste em mostrar para Eugénie como a ideia de Deus é apenas uma quimera. A fonte desse discurso está na pergunta feita pela jovem ao falar sobre as virtudes, perguntando ao

nosso libertino “o que pensais da piedade, por exemplo?” (SADE, 2013, p. 19). Para Dolmancé a virtude não significa nada para quem não crê na religião² e, para mostrar que a religião não significa nada, que a existência de Deus é uma quimera, o celerado faz uso de alguns argumentos que são a base para pensarmos a metempsicose materialista:

Se está demonstrado que o homem só deve sua existência aos planos irresistíveis da natureza; se está provado que tão antigo neste globo quanto o próprio globo, ele não passa, como o carvalho, o leão e os minerais que se encontram nas entranhas desse globo, de apenas uma produção exigida pela existência do globo e não deve a sua a quem quer que seja [...] se está demonstrado que Deus, que os tolos veem como único autor e fabricante de tudo o que vemos, não passa do *nec plus ultra* da razão humana, fantasma criado no instante em que esta razão não vê mais nada a fim de ajudar suas operações. (SADE, 2013, p. 19).

Para entendermos o início desse discurso de Dolmancé, precisamos falar sobre as influências filosóficas de Sade. As obras de Sade sofrem uma visível influência do pensamento materialista moderno, sobretudo do *Sistema da Natureza* de Holbach. A escolha de explicitarmos as influências do pensamento de Holbach sobre os escritos de Sade não é aleatória, pois sua influência se faz muito clara nos discursos dos personagens do Marquês. Sendo explícita nos discursos que levam à ideia de metempsicose. Seja na voz do Papa ou na voz do Moribundo, a filosofia de Holbach é professada pelos personagens. É por isso que Sade declarou, em uma de suas cartas pessoais, a sua admiração pela obra do filósofo: “um livro que corre toda Paris, um livro que eu fiz o papa ler. Um livro de ouro, numa palavra, um livro que deveria estar em todas as bibliotecas e em todas as cabeças” (SADE, 2009, p. 196-197).

Holbach começa o primeiro capítulo do *Sistema da Natureza* falando que os “homens se enganarão sempre que abandonarem a experiência por sistemas criados pela imaginação” (HOLBACH, 2011, p. 31). Ou seja, pensar em um Deus como um *nec plus ultra* da razão humana, algo que não está mais baseado empiricamente na natureza, é pensar em uma quimera, algo que não existe, é uma enganação do homem com ele mesmo. Pois, o “homem é obra da natureza, existe na natureza, está submetido às suas leis; ele não pode livrar-se dela, não pode, nem pelo pensamento, sair dela” (HOLBACH, 2011, p. 31). O homem deve, então, sua existência apenas aos planos irresistíveis da natureza. Com o intuito de refutar a existência de Deus, Dolmancé dirá que:

Se está provado que a existência deste Deus é impossível e que a natureza, sempre em ação, sempre em movimento, tem por si só o que agrada aos tolos lhe dar gratuitamente; se é certo supor que este ser inerte existiu, ele certamente seria o mais ridículo dos seres, visto só ter servido um único dia, e que, após milhões de séculos encontrar-se-ia numa inação desprezível (SADE, 2013, p. 19).

² Para entendermos essa frase precisamos pensar em outro sentido de piedoso, o de ser devoto a Deus. Segundo o Dicionário Escolar Francês-Português Português-Francês, 1961, “pieux, euse (piê, êz), adj. Piedoso, devoto”.

Nesse trecho, Dolmancé, além de ridicularizar a existência de Deus segundo suas bases filosóficas, afirma que a natureza está sempre em movimento, sempre em ação. Para entendermos o conceito de movimento na natureza, que é uma das bases para entendermos a metempsicose mais à frente, recorreremos novamente ao Holbach.

No pensamento de Holbach, o “movimento é um esforço pelo qual um corpo muda ou tende a mudar de lugar” (2011, p. 43). Mas o principal é que “tudo está em movimento no universo” (HOLBACH, 2011, p. 48), o movimento é uma característica essencial da matéria. Há dois tipos de movimentos: um é observado imediatamente, o outro, por outro lado, só percebemos com o tempo e por meio de seus efeitos. O primeiro se trata de um “movimento em bloco, pelo qual um corpo inteiro é transferido de um lugar para o outro” (HOLBACH, 2011, p. 45). Esse movimento nós podemos observar imediatamente. É como quando alguém move um objeto qualquer de lugar, podemos, imediatamente, observar o movimento pelo qual o objeto passou. O segundo é “um movimento interno e oculto, que depende da energia própria de um corpo, ou seja, da essência, da combinação, da ação e da reação das moléculas imperceptíveis de matéria pelas quais esse corpo é composto” (HOLBACH, 2011, p. 45). Esse tipo de movimento nós só conseguimos perceber com o tempo, não conseguimos observar imediatamente, observaremos apenas os efeitos desse movimento. É como o envelhecimento do objeto, o enferrujamento, e o exemplo usado por Holbach é a fermentação. É importante compreender que esses dois tipos de movimentos são perceptíveis para nós, cada um de seu modo. Um podemos observar imediatamente, o outro observamos apenas as suas consequências, não podemos ver o movimento em si, mas vemos o efeito que ele causa. Assim é entendido que tudo, então, está em movimento. Aqueles movimentos que “não podem agir sobre nenhum dos nossos órgãos”, ou seja, que não são os tipos de movimentos que apresentamos anteriormente, “não têm nenhuma existência para nós, já que não podem nos afetar, nem, por conseguinte nos fornecer ideias, nem ser conhecidos e julgados por nós” (HOLBACH, 2011, p. 44).

A ridicularização que Dolmancé professa sobre Deus tem seu início na suposta inércia desse ser todo poderoso. Seguindo o que foi apresentado por Holbach, tudo que existe na Natureza está em movimento, e “não existe e não pode existir nada fora do círculo que contém todos os seres” (HOLBACH, 2011, p. 31), ou seja, fora do círculo contínuo das partículas de matéria. Isso quer dizer que a existência desse ser não é possível, pois não há existência de algo que não pode afetar nossos sentidos, que não nos pode fornecer ideia alguma³. Esse Deus só poderia, assim, ser uma quimera. Mas o ponto mais importante para nós é que, segundo esse discurso, para Dolmancé, assim como para Holbach, o homem é criado pela Natureza e a Natureza, por si só, uma vez provado que o movimento é intrínseco a ela, basta a si mesma. Para ambos, não existe

³ Para Holbach todos as nossas faculdades intelectuais são derivadas da nossa faculdade de sentir, só o que nos afeta pelos sentidos pode nos fornecer alguma ideia. Cf. capítulo oito do *Sistema da Natureza*.

nenhuma criação fora as criações da Natureza, nenhum criador além da própria Natureza.

Mas como se dá o movimento de “criação” das coisas da Natureza? Essa pergunta nos leva direto à ideia de metempsicose, que será central para o discurso de Dolmancé em defesa do assassinado. Em Holbach vemos a ideia de uma marcha constante da Natureza. Basicamente, a ideia principal é que na Natureza há uma quantidade específica de matéria e, para ser possível que sempre haja coisas novas, é preciso que haja, “com a ajuda do movimento, uma circulação contínua das moléculas da matéria” (HOLBACH, 2011, p. 65). A natureza parece ter essa necessidade de estar se renovando continuamente. Assim, as “moléculas, depois de terem, por algumas combinações particulares, constituído seres dotados de essências, de propriedades, de maneiras de agir determinadas, dissolvem-se ou se separam com maior ou menor facilidade e, combinando-se de uma nova maneira, formam seres novos” (HOLBACH, 2011, p. 65). Existe a ideia de que há um empréstimo dos elementos da natureza. Com a “morte” do ser, esses elementos são devolvidos à natureza, formando outros seres: os “animais, as plantas e os minerais, ao fim de um certo tempo, devolvem à natureza – ou seja, à massa geral das coisas, ao armazém universal – os elementos ou os princípios que eles tinham tomado por empréstimo” (HOLBACH, 2011, p. 70). Temos aqui uma ideia cíclica, nada realmente morre na natureza, tudo está sempre existindo e tudo vai sempre existir.

A ideia de metempsicose aparece no terceiro diálogo da *Filosofia na Alcova*, logo depois de Dolmancé ter apresentado alguns de seus princípios à jovem Eugénie. Dolmancé e Saint-Ange haviam apresentado princípios materialistas para justificar a recusa à virtude e à piedade, além de justificar a prática do adultério, do incesto, entre outras coisas. Mas é no momento de justificar o assassinato que a ideia de metempsicose aparece no discurso do libertino.

Dolmancé começa afirmando que a destruição é “uma das primeiras leis da natureza, nada que destrói poderia ser um crime” (SADE, 2013, p. 29). Apesar da utilização da palavra *destruição*, não é bem isso que ocorre. Nada é destruído de fato: “o assassinado não é destruição. Quem o comete só varia as formas. Ele devolve à natureza elementos de que sua hábil mão se serve para imediatamente recompensar outros seres” (SADE, 2013, p. 29). A ideia principal se segue do que já foi dito por Holbach. Como a Natureza possui uma quantidade determinada de matéria, ela só pode criar algo novo a partir da destruição de algo já existente. O assassino, seguindo a vontade da natureza, forneceria a ela a matéria necessária para a criação. Esse crime “fornece-lhe materiais que ela imediatamente emprega, e a ação que os tolos tiveram loucura em censurar revela-se apenas um mérito aos olhos desse agente universal” (SADE, 2013, p. 29). Mais do que uma defesa do assassinato, mostrando que ele é apenas uma forma de modificar os tipos de vida na natureza e que não há morte ou destruição propriamente dita, Dolmancé demonstra que a natureza não tem uma preferência sobre as espécies. O homem não é mais especial que um verme, todos são

apenas formas de organização da matéria: “acreditamos que a natureza pereceria se nossa maravilhosa espécie desaparecesse do globo, quando a destruição total dessa espécie, restituindo à natureza a faculdade criadora que ela nos cede, lhe devolveria a energia que lhe roubamos ao nos propagarmos” (SADE, 2013, p. 29). A raça humana é apenas uma organização da matéria como qualquer outra coisa que existe. Sem os humanos, a Natureza apenas proliferaria outros tipos de vida, não haveria nenhuma perda para ela. A morte de um ou de todos os homens é indiferente aos olhos da Natureza, e como o correto é seguir a voz da Natureza, não há nenhum problema no assassinato de um homem ou mesmo na extinção de toda a raça humana.

Dolmancé apresenta essa ideia de voz da Natureza no começo do quinto diálogo quando ele pretende demonstrar para Eugénie que não há mal nenhum na libertinagem. A ideia é que a Natureza não tem duas vozes, não tem uma voz que prega a entrega as paixões e outra que prega o sacrifício delas. Precisamos buscar qual é a voz correta da Natureza. Obviamente, para o libertino, a única voz da Natureza é aquela que nos diz para nos entregarmos as paixões. Para ele, afeiçoado às manias de libertinagem, é seguro que “a natureza não tem duas vozes, em que uma cumpre diariamente a tarefa de condenar o que a outra inspira; é bem certo ser somente de seu órgão que os homens afeiçoados a esta mania recebem as impressões que os levam a ela” (SADE, 2013, p. 44). Já vimos que todo o nosso conhecimento provém de nossas faculdades sensoriais, o que não nos afeta não nos dá ideia, não conhecemos. Sendo assim, tudo o que nos afeta, tudo o que conhecemos está na Natureza, todas as nossas ideias provém dela, todas as nossas inclinações são o efeito da Natureza sobre nós. Não devemos, portanto, fugir dessas inclinações que são a voz da Natureza.

Da mesma maneira que não há mal nenhum em um assassinato, também não há mal nenhum em ter relações sexuais sem o objetivo de procriação, ou seja, não há mal em práticas sexuais vistas como libertinas pelos dogmas religiosos. É justamente sobre isso que Dolmancé coloca uma pergunta: “acaso já se demonstrou que a natureza necessita tanto dessa reprodução como eles gostariam de nos fazer crer?” (SADE, 2013, p. 44). Poderíamos concluir, com base nos discursos anteriores, que a resposta é não, a Natureza não necessita da nossa reprodução. Ficou claro, anteriormente, que a Natureza não necessita da existência da raça humana, ela seguiria sua marcha normalmente ou até melhor. Com efeito, tal será o discurso de Dolmancé:

Se a natureza só criasse e jamais destruísse, eu poderia crer, como esses fastidiosos sofistas, que o mais sublime de todos os atos seria trabalhar incessantemente naquilo que produz, e, em consequência disso, estaria de acordo com eles de que a recusa em produzir deveria necessariamente ser um crime. Um simples olhar de relance sobre as operações da natureza não prova que as destruições são tão necessárias a seus planos quanto as criações? Que estas operações se ligam e se encadeiam tão intimamente que é impossível uma agir sem a outra? Que nada poderá nascer ou regenerar-se sem destruição? Logo, a destruição é uma das leis da natureza, tanto como a criação (SADE, 2013, p. 44-45).

Dolmancé retoma algumas ideias que ele já tinha utilizado no seu discurso em defesa do assassinato e os argumentos da metempscose aparecem novamente. A ideia de uma quantidade específica de matéria na Natureza e a necessidade da destruição para criação de coisas novas. O importante é nos atermos ao uso da palavra *destruição*, empregada constantemente por Dolmancé. No contexto da metempscose, a *destruição* não é uma destruição de fato, não existe uma morte, a matéria “destruída” vai ser utilizada pela Natureza para a criação de algo novo, essa *destruição* faz parte do processo de transmutação dos seres e, por isso, não há mal nenhum nela. Não é possível não estar vivo, as coisas estão sempre existindo de diversas maneiras diferentes, em diversos e distintos arranjos de matéria. Trata-se de algo que Diderot questiona em uma de suas cartas, “você concebe bem que um ser jamais possa passar do estado de não-vivo para o estado vivente?” (1759). Nada jamais é destruído de fato, nada morre. A destruição de um ser só se dá na medida em que outro surge por meio de um novo emprego das partículas de matéria deixadas pelo ser anterior. Delon explica que “o princípio materialista da metempscose toma, em Sade, uma forma agressiva, mas pode se combinar com um ponto de vista moral” (DELON 1991, p. 75). É exatamente isso que Sade faz com Dolmancé. Partindo do princípio materialista da metempscose, Dolmancé leva a possibilidade de relativizar a vida e morte ao limite, isso lhe permite fazer discursos em prol do assassinato e da sodomia. Dolmancé utiliza desse princípio para justificar suas ações e suas condutas morais, além de ensinar suas ideias para todos presentes na alcova. Assim, a metempscose se torna uma peça chave no discurso do libertino. Essa ideia materialista que Sade incorpora em seus escritos, permite a seus personagens a possibilidade de justificar coisas absurdas para a moral cristã da época.

Através da filosofia materialista moderna, Dolmancé justifica suas ações libertinas. Sobretudo, é o pensamento filosófico, nesse caso, a metempscose materialista, que justifica as ideias de Dolmancé sobre assassinato, libertinagem e, principalmente, sobre as discussões religiosas em torno da relação sexual servir apenas com o intuito de procriação, ou seja, sobre a imoralidade de sodomia. O próprio personagem é construído sobre os pilares de seus princípios, é solteiro e não tem filhos. Suas ideias filosóficas tem, portanto, impactos em suas atitudes morais. Não à toa, ele é descrito como o “mais célebre ateu, o mais imoral dos homens... e da mais extrema e completa corrupção, o indivíduo mais celerado e cruel que possa haver no mundo” (SADE, 2013, p. 11). Assim, Dolmancé toma forma através da filosofia materialista do século XVIII por meio da influência que a leitura do *Sistema da Natureza* teve sobre Sade na hora da criação de seus personagens. A ideia de metempscose acaba sendo formadora do caráter do personagem em questão, as atitudes e as reflexões morais do libertino são moldadas pelo seu pensamento materialista. Dolmancé não é apenas um libertino de espírito, ele é também libertino em suas ações. Ele é imoral para os nossos padrões, mas não é imoral segundo a sua filosofia. Esse libertino compreende a natureza como amoral, como indiferente, portanto, age de acordo com ela. A metempscose não está apenas presente em seus

discursos, ela constitui os seus valores morais que, por fim, acabam determinando suas ações e sua forma de viver.

Referências

CASTRO, Clara Carniceiro. Sade e a Ideia de Metempsicose. In: ALMEIDA, Fábio Ferreira de. (Org.). **Sobretudo a Noite**. Goiânia: Edições Ricochete, pp. 99-123, 2016.

CORRÊA, Roberto Alvim. **Dicionário Escolar Francês-Português Português-Francês**, Rio de Janeiro: Campanha Nacional de Material de Ensino, 1961.

DELON, Michel. L'Obsession de la métempsycose à la fin du XVIIIe siècle, In: GALLINGANI, Daniela (org.), **Atti del convegno internazionale Presenza di Gagliostro**. Florença: Centro Editoriale Toscano, pp. 71-79, 1991.

DIDEROT, Denis. O Sonho de d'Alembert, in: GUINSBURG, Jacob. In: **A Filosofia de Diderot**. Tradução: Jacob Guinsburg. São Paulo: Editora Cultrix, pp. 64-112, 1961,

DIDEROT, Denis. **Lettres à Sophie Volland**, 1759. Disponível em: <fr.wikisource.org/wiki/Lettres_%C3%A0_Sophie_Volland/Texte_entier>. Acesso em: 01 de out. 2018.

HOLBACH, Barão de. **Sistema da Natureza ou das Leis do Mundo Físico e do Mundo Moral**. Tradução: Regina Schöpke e Mauro Baladi. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

SADE, Marquês de. **A Filosofia na Alcova ou Os Preceptores Imorais**. Tradução: Contador Borges, São Paulo: Editora Iluminuras, 2013.

SADE, Marquês de. **50 Lettres du Marquis de Sade à sa Femme**. Paris: Flammarion, 2009.

VOLTAIRE. **Dicionário Filosófico**. Edição: Ridendo Castigat Mores, 2001.

Recebido em: 15 de jul. 2020

Aceito em: 17 de ago. 2020